

Interculturalidade, mediações e redes digitais

*Hiliana Reis**

RESUMO

A busca por formação profissional qualificada atrai um fluxo considerável de alunos internacionais às universidades brasileiras, o que despertou interesse para realizar uma pesquisa qualitativa em universidades gaúchas. Se as mediações acadêmicas, familiares e culturais articulam o interesse dessa amostra pelo uso do computador, também revelam uma forte estrutura de exclusão socioeducativa na África e na América Latina. **Palavras-chave:** interculturalidade; redes digitais; universo acadêmico.

ABSTRACT

*The desire for a quality professional education attracts a considerable influx of international students to Brazilian universities, a fact which has provoked interest in undertaking a piece of qualitative research in Universities of Rio Grande do Sul. If academic, family and cultural mediations articulate the interest of the sample in the use of computer, also reveal the strong structure of socio-educational exclusion in Africa and Latin America. **Key Words:** interculturality; digital networks; academic world.*

RESUMEN

*La búsqueda de formación profesional cualificada atrae un flujo considerable de alumnos internacionales a las universidades brasileñas, lo que despertó interés para realizar una investigación cualitativa en universidades gauchas. Si las mediaciones académicas, familiares y culturales articulan los intereses de esta muestra por el uso del ordenador, también revelan una fuerte estructura de exclusión socioeducativa en África y en América Latina. **Palabras clave:** interculturalidad, redes digitales, universo académico*

APRESENTAÇÃO

O processo de globalização tem acentuado o fluxo migratório de estudantes internacionais ao Brasil, em busca de novas oportunidades de estudo e de qualificação profissional. Os resultados parciais de uma pesquisa qualitativa, centrada em estudos de casos, realizada junto a estudantes internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sinalizaram as mediações culturais que norteavam as suas prioridades de uso e sustentavam as suas redes de interação digital. Em que se assemelhavam e em que se distinguiam os usos e apropriações dos recursos disponibilizados pela rede digital? Foram entrevistados no total 12 estudantes, sendo cinco africanos, originários de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique e sete latino-americanos, provenientes da Argentina, México, Nicarágua, Paraguai e Uruguai.

A COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

A vivência, ainda que temporária, em uma outra cultura, configura-se como um processo desafiador e instigante. Ser “estrangeiro” significa conviver com o “outro”, ou seja, com as diferenças, quando não, com estereótipos. Miquel Rodrigo Alsina entende a comunicação intercultural como a que se realiza “entre pessoas que possuem referenciais tão distintos que se autopercebem como pertencentes a culturas diferentes” (1999:12). O que se produz é um fenômeno de atribuição identitária, a partir da qual as diferenças são evidenciadas. Entretanto, se as diferenças são necessárias para que se manifeste a “outra cultura”, as semelhanças também integram o processo; caso contrário, não haveria espaço para a convivência e o diálogo, condição essencial para que ocorram as relações entre culturas. Define-se cultura

como redes de significados compartilhados (Geertz, 1989), os quais dão sentido às experiências de vida.

A comunicação intercultural beneficia-se com a versatilidade das possibilidades trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, aqui entendidas como veículos, recursos ou mediações que potenciam a negociação e a produção de sentidos e, até mesmo, vê-se por ela desafiada. As tecnologias, por sua vez, trazem valor agregado ao permitirem a circulação de emoções e de afetos que interferem nas formas de uso e na escolha dos conteúdos e ferramentas, disponibilizados pela rede digital.

FRONTEIRAS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO

Com algumas diferenças de percurso, as situações familiares, culturais e estruturais similares incidiram na escolha do grupo entrevistado pela formação universitária no Brasil e no uso da mídia digital. A falta de condições apropriadas ao estudo e à pesquisa, a falta de domínio de idiomas, a limitação de recursos econômicos, a exclusão digital de alguns segmentos e as migrações familiares e pessoais foram indicadores comuns ao perfil da amostra.

Embora todos os entrevistados fossem políglotas, alguns deles não atingiram o nível de competência desejado para obtenção de bolsas em universidades norte-americanas e européias, que exigem domínio de inglês ou francês. Diante dessa contingência, a língua materna, no caso dos africanos, a facilidade de compreensão e o interesse pelo idioma português, por parte dos latinos, direcionaram a escolha desses estudantes para o Brasil.

O modelo de seleção vigente nas universidades, ainda hoje, postula um alto nível de conhecimento de alguns idiomas, o que não favorece, mas exclui estudantes de uma grande maioria dos países do Hemisfério Sul, ainda que sejam políglotas, como é o

caso da maioria dos estudantes da amostra. Os africanos, por exemplo, além do português, dominam duas a quatro línguas nativas. Essa competência lingüística, nesse caso, não tem visibilidade, e os critérios utilizados nos exames de proficiência são criticados por pesquisadores da área. Segundo pesquisas realizadas sobre a temática (Blom e Gumpertz, 1972), a consciência lingüística se amplia entre pessoas bilíngües. Por que não valorizar essa competência? O alto nível de domínio do idioma local exigido aos estudantes estrangeiros é uma forma de dominação cultural, que privilegia uma elite, e diminui as oportunidades de exercício da cidadania a uma grande parcela da população mundial, em termos de formação acadêmica e profissional. Mantêm-se os guetos, ou modificam-se os critérios de seleção para incluir os que não tiveram condições de acesso a outros idiomas?

Embora sejam diferentes na sua estrutura, as semelhanças entre o português e o espanhol atuaram nesta amostra como fonte de aproximação de culturas. As universidades, a nosso ver, deveriam mediar o interesse pelo conhecimento, e não impor barreiras à aquisição do saber. Por que não privilegiar outro modelo de seleção e oferecer cursos para o aprendizado de idiomas, portais de acesso ao conhecimento? A oportunidade de estudar em outro país torna-se de *per si* uma excelente ferramenta para o aprendizado de idiomas e para a imersão cultural. Todos os entrevistados liam, com freqüência relativa, a mídia impressa nacional, assistiam aos programas da televisão e aos filmes brasileiros. Por outro lado, a estudante paraguaia, que vivia em uma cidade fronteira com o Brasil, aprendeu a falar português através de novelas e revistas brasileiras. Essas mídias, com destaque para a televisão, transformaram-se em fontes de mediação e de interação com a cultura local.

A ESCOLHA PELA UFRGS E UNISINOS

Apesar de recorrerem à Embaixada ou ao Consulado para efetivar os trâmites de matrícula, tanto os latinos como os africanos guiaram-se por informações obtidas com amigos e familiares que conheciam as duas universidades ou que nelas estudaram. O motivo apontado pela escolha da UFRGS, pelos estudantes latino-americanos, inscritos na pós-graduação, foi a excelência das condições de pesquisa dessa universidade e a fama de seriedade dos gaúchos. A proximidade geográfica para alguns, a atenção recebida por parte de funcionários da universidade quando buscaram informações por *e-mail* e os conteúdos disponibilizados no *site* também concorreram para efetivar a escolha de dois estudantes da amostra. Dos doze entrevistados, apenas dois estudantes, que estavam no doutorado e que tinham maior familiaridade com a *internet*, realizaram buscas pela mídia digital. As informações disponibilizadas no *site* da UFRGS, segundo eles, eram consistentes e bem-estruturadas. As respostas imediatas e personalizadas de funcionários aos pedidos de informação solicitados também contribuíram para que eles escolhessem essa universidade, em detrimento de outras que não disponibilizavam as informações necessárias ou que remeteram ao “Fale Conosco”.

O sonho de estudar fora do país foi explicitado em diferentes momentos das narrativas da amostra, o que revela a presença do imaginário coletivo nos critérios de escolha do país e da universidade. Um dos estudantes da UFRGS, ainda que tivesse recebido informações de um conhecido que havia estudado nessa instituição, mencionou como fator importante na escolha da universidade o nome da cidade: Porto Alegre. A identificação com a capital africana onde morava foi decisiva, pois pensava que viria para uma cidade praiana e, além do mais, alegre. Essa lógica de

seleção indica, também, que as informações recebidas na Embaixada do Brasil, pelo constatado, foram insuficientes. Alguns africanos se queixaram do clima excessivamente quente, no verão, e frio, no inverno. Um deles, ao chegar, estava de bermuda com os termômetros registrando 10° (dez graus), e um dos latinos ficou bastante desconcertado quando os taxistas lhe davam o preço da corrida em “pila”. Havia sido informado que a moeda corrente era o real!

A amostra da UNISINOS compunha-se, basicamente, de estudantes da graduação. O único que estava na pós-graduação foi também o primeiro africano dessa universidade a matricular-se nesse nível de ensino. A diferença entre os alunos de pós e os de graduação reflete-se nas variáveis de escolha pela universidade. Enquanto os estudantes da UFRGS priorizaram a excelência da pesquisa e do ensino, os da UNISINOS pautaram-se pela qualidade dos cursos ofertados, pela proximidade com o país de origem e pelo interesse em aprender português, no caso das estudantes latinas.

A MEDIAÇÃO ESCOLAR COMO FATOR DE INCLUSÃO DIGITAL

O estudo das mediações culturais, entendidas como produção de sentidos e *locus* em que se configuram as identidades, permitiu identificar lugares significativos da cultura de origem e da cultura do “outro” e detectar semelhanças e diferenças nos percursos do grupo analisado. Ao assumir que os media atuam como potencial para a transformação cultural e identitária, a pesquisa indica também que as práticas culturais, ao privilegiarem determinados valores, conformam núcleos, demarcam escolhas e preferências à sua comunidade, incluindo, nessa dinâmica, os usos e apropriações do universo digital.

Enquanto a maioria dos estudantes latinos foi beneficiada por políticas educacionais de inclusão

digital, em seus países de origem, com os africanos o processo foi inverso: quatro dos cinco entrevistados somente tiveram acesso ao computador, nas universidades brasileiras. Um deles nunca tinha entrado em um elevador ou andado de ônibus, em seu país de origem.

Se o entretenimento foi o *leit-motiv* para duas uruguaias terem o primeiro contato com o computador, através de videogames, em casa de vizinhos, o aprendizado se deu durante o curso secundário, e o uso restringia-se à digitação de textos escolares. A escola, portanto, desempenhou um papel relevante à inclusão digital da amostra, para o primeiro aprendizado do computador, a partir do que foi criando novas necessidades e competências de uso.

Apenas um dos latinos, que se destaca entre o grupo pela condição econômica, teve acesso ao computador aos seis anos de idade, incentivado pelo pai, segundo ele, “um homem à frente do seu tempo”. Essa observação leva-nos a inferir a presença de um imaginário social que associa o uso do computador à modernidade e que atribui a essa ferramenta e, por consequência, aos usuários, um diferencial, independentemente de como será utilizado. No imaginário social ibero-americano, conforme observamos em outro estudo (Reis, 2000), o domínio da técnica computacional, ainda que precário, atua como fator de distinção e confere poder aos usuários. O computador transforma-se no totem da pós-modernidade.

O estudante mexicano, que não dispunha de recursos econômicos, só teve acesso ao computador no final do curso de graduação, e o interesse foi motivado pela necessidade de digitar o Trabalho de Conclusão de Curso. O estudo, para os latinos, foi uma importante mediação para o uso do computador, sendo que o ingresso no mercado de trabalho também propiciou a expansão da aprendizagem de outras ferramentas, tais como o Excell e o *e-mail*.

Essa situação não se confirmava entre os africanos que, embora trabalhassem desde a adolescência, só aprenderam a usar o computador nas universidades brasileiras ou na casa dos jesuítas. Dos cinco africanos, apenas um possuía computador na África; outros dois o adquiriram no Brasil, e os demais dependiam do computador da universidade ou de terceiros. Embora houvesse diferenças significativas no tempo e nas competências de uso digital entre esses estudantes, o acesso à universidade permitiu o uso do computador e gerou sua necessidade. O interesse pelo estudo e pela pesquisa, aliados à disponibilização da ferramenta, contribuíram para apagar as barreiras de exclusão digital que separavam os latinos dos africanos.

A FORMAÇÃO DE REDES

As análises realizadas durante a pesquisa indicaram que as práticas socioculturais mais significativas ao grupo derivavam do fato de serem estudantes universitários estrangeiros e, deste lugar, estabeleciam as prioridades de uso do computador e da mídia digital. As principais matrizes de mediação de uso do computador por esse grupo eram :

- digitação de textos, busca de informações relacionadas ao estudo e à pesquisa;
- práticas de diálogo e interação com familiares e amigos;
- busca de informações político-culturais de seus países de origem.

Os alunos de graduação utilizavam a *internet* para consultas à base de dados, relacionadas às disciplinas, utilizavam o *e-mail*, consultavam jornais de seus países de origem e ouviam música pela *web*. Por outro lado, os pesquisadores que estavam na pós-graduação faziam um uso mais sistemático do computador do que os que estavam na graduação. Frequentemente, realizavam buscas de textos sobre o

objeto de suas pesquisas, consultavam *sites* específicos, sobretudo da CAPES, revistas especializadas internacionais em inglês e em espanhol; contatavam-se com pesquisadores internacionais, para discussão de temas relacionados às áreas de interesse comuns. Foram os únicos da amostra que apontaram diferenças entre os internautas.

O *e-mail* tornou-se uma ferramenta indispensável para manterem os laços afetivos com familiares e amigos distantes e para alimentar suas raízes culturais. Através do e-mail, os africanos contatavam e repassavam informações, de caráter político-cultural sobre os países de origem, aos primos e amigos que trabalhavam em Portugal ou que estudavam na França, que viviam na Alemanha, no Canadá, nos Estados Unidos e, inclusive, em outros Estados do Brasil. Através desse recurso, passaram de usuários a emissores, ressignificando e atribuindo novos sentidos às mensagens midiáticas. Ao complementarem-se em infinitas combinações multimidiáticas, “os suportes tecnológicos não se excluem, ao contrário, se complementam em processos de inter e multirrelacionamentos” (Sousa, 2000:77) e oferecem aos seus usuários uma nova maneira de estarem juntos, de se relacionarem, embora separados no espaço e no tempo. Porém, os africanos e alguns latinos não podiam se comunicar com a família próxima, pais, mães e irmãos, por e-mail. A exclusão digital familiar é um dado evidente na amostra, quando não, acrescido de analfabetismo ou de semi-analfabetismo, fatos corroborados por dados estatísticos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise dos dados coletados sobre os usos e apropriações da mídia digital ampliou o espectro da pesquisa, ao fornecer uma variedade de fatores culturais, que se articulavam às práticas midiáticas da

amostra analisada, e que foram fundamentais para a compreensão da pluralidade de culturas e dos matizes que conformam as sociedades do Terceiro Mundo. Histórias de vida similares, valores, práticas e interesses comuns pautam o cenário tanto dos estudantes latinos como dos africanos, guardadas as devidas proporções. As migrações em busca de novas oportunidades de estudo e de emprego evidenciam-se em duas gerações dos entrevistados, o que pode ser interpretado como indício de que as condições de oferta de estudos na América Latina e África continuam precárias.

As condições de excelência da pesquisa da UFRGS, a qualidade dos programas ofertados, a rapidez das respostas da instituição, entre outras foram mediações que direcionaram a escolha dessa universidade, pela amostra. Outra consideração digna de ser mencionada é a de que a família, amigos e conhecidos foram fontes primárias de referência para a escolha da UFRGS e da UNISINOS. Nota-se que as relações pessoais ocupam um lugar especial nas culturas latina e africana, processo para o qual os pesquisadores, especialmente os da Comunicação, devem estar atentos. Para a amostra, a confiabilidade da fonte gera a credibilidade da informação.

As dinâmicas de uso da mídia digital, por esse grupo, relacionavam-se ao fato de serem estudantes universitários internacionais e, desse lugar, priorizaram suas escolhas, relacionadas as suas áreas de estudo ou de pesquisa. A nítida diferença de usos da rede digital entre os estudantes de graduação e de pós-graduação leva-nos a supor que o uso da *internet* não se justifica apenas pela disponibilidade de informações, mas relaciona-se às práticas culturais do grupo.

Se, como estudantes, priorizavam a busca de informações, como estrangeiros, a análise do uso da mídia digital permitiu também observar que a família e as amizades ocupavam um lugar muito importante

na vida desses estudantes, o que pode ser categorizado como dado de identidade cultural comum, tanto aos latinos como aos africanos. O *e-mail* era muito utilizado para dialogarem com amigos que vivem nos países de origem e no estrangeiro, tornando-se uma ferramenta de uso restritivo e de caráter privado. Como disseram alguns dos entrevistados, é um excelente recurso para afastar a solidão de quem vive no estrangeiro, facilita a vivência em outra cultura e permite a manutenção dos afetos. Esse recurso cumpria importante função na manutenção dos laços afetivos desse grupo, embora muitos deles não pudessem se comunicar com a família, devido à exclusão digital.

Os acordos internacionais firmados pelo governo brasileiro com os países da América Latina e da África garantiram a esses estudantes o direito à formação acadêmica, e lhes permitiu usufruir os recursos e o aprendizado das tecnologias da comunicação e da informação, cujas conseqüências se estendem à vida profissional. E, nesse cenário, a mídia digital serviu de mediação entre o mundo interno e externo, permitindo o deslocamento às suas casas, a sua cultura e o contato com familiares e amigos. Ampliou também as fontes de estudo e de informação e as fronteiras impostas pela sala de aula ou, mesmo, pela biblioteca tradicional.

Os acordos e parcerias de caráter científico-cultural, mantidos pelo governo brasileiro com os países da América Latina e África tornam-se um importante elo para o exercício dos direitos cidadãos de uma parcela de latino-americanos e, sobretudo, de africanos. A nosso ver, esses acordos necessitam ser revistos e ampliados para que seus benefícios possam contribuir para o desenvolvimento regional, tendo como prioridade a inclusão das minorias étnicas e excluídas socioeconomicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALSINA, M. *La comunicación intercultural*. Barcelona: Antropos, 1999.
- BLOM, Jan-Petter e Gumpertz, John J. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. London: Basil Blackwell, 1972.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- HALL S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 7ª ed.
- LOPES, M. I. V. et alt. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção e teleficcionalidade*. São Paulo: Summus, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: Sousa, M.W. (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA-USP/Brasiliense, 1995. p. 39-68.
- REIS, H. Ampliación de los procesos comunicativos en la enseñanza a distancia: análisis de tres modelos de tutoría. Tese de Doutorado, Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Bellaterra, 2000.
- SOUSA, M. W. Novos cenários no estudo da recepção mediática. In: Eugenio Trivinho (org.) et al. *Sociedade mediática. Significação, mediações e exclusão*. Santos: Ed. Universitária Leopoldanum, 2000. p. 77-89.

* **Hiliana Reis**, doutora em Comunicação Audiovisual (UAB), é professora no Curso de Jornalismo da UNISINOS, diretora adjunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e pesquisadora do Projeto Acadêmico Interuniversitário de Cooperação Internacional Brasil-Espanha sobre mídias, migrações e interculturalidade.